

## O escritor no picadeiro: considerações sobre a recepção da literatura na era do espetáculo

*The writer on the ring: considerations on the reception of the literature in the spectacle era*

Elizabeth Gonzaga LIMA \*

**RESUMO:** A Estética da Recepção, segundo Hans Robert Jauss (1994), pauta-se na relação dialógica entre a obra e o leitor, pois este diálogo garante o processo dinâmico da atualização e reconfiguração do texto literário. No entanto, é possível constatar que em uma civilização do espetáculo, no sentido proposto por Vargas Llosa (2014), os artefatos literários são ofuscados pela figura do escritor, deslocado para o centro do interesse do público leitor. Percebe-se que tal fenômeno é espelho de uma contemporaneidade bombardeada por imagens, pelo virtual e pelo universo midiático, alterando os parâmetros da recepção, que reverbera, em última instância, no processo de circulação da obra. Sob essa perspectiva, este trabalho pretende analisar de que maneira as engrenagens da mídia e da indústria do entretenimento promovem uma ruptura nas formas de recepção do leitor e nos processos de circulação ao entronizar o escritor, numa espécie de picadeiro e configurando a literatura como parte do espetáculo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Recepção. Leitor. Escritor. Mídia. Espetáculo.

**ABSTRACT:** The Aesthetics of Reception, according to Haus Robert Jauss (1994), is based on the dialogical relation between the work and the reader, for this dialogue guarantees the dynamic process of update and rearrangement of the literary text. Nevertheless, one can realize that, in a civilization of spectacle, in a contrary meaning suggested by Vargas Llosa (2014), the literary artefacts are overshadowed by the writer's persona, displaced to the center of the readers. It is noticeable that this phenomenon is the reflection of a certain contemporaneity bombed by images, by the virtual and the overwhelming media atmosphere, altering the reception patterns, that reverberates, in a last instance, throughout the flow process of the work. Under this perspective, this work intends to analyse in which way the gears of the media and entertainment industry promote the disruption in the reader reception manners and in the flow process when they enthrone the writer on a kind of ring and configuring the literature as part of the spectacle.

**KEYWORDS:** Reception. Reader. Writer. Media. Spectacle.

---

\* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Letras Campus IV e Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. É pesquisadora em Estágio Pós-doutoral do Projeto CAPES/PROCAD, Escritas Contemporâneas: desafios teóricos (2014-2018), reunindo PUC-RIO, UNEB, UEFS e PUC-GOÍAS

Dentre as noções e classificações desenvolvidas por Aristóteles em sua **Poética**, a catarse figura como um dos efeitos que as representações humanas provocam no público, mas tem sido um critério pouco aproveitado no campo da literatura, em virtude da dificuldade de se captar esse efeito nos leitores devido seu alto grau de subjetividade. Entretanto, no teatro, por exemplo, a catarse é fundamental para que sejam percebidos os efeitos causados no espectador durante o desenrolar da peça teatral. Conforme Regina Zilberman (2008), a catarse configura-se como um critério para avaliação dos produtos expostos ao público, ao mesmo tempo, a reflexão acerca desse efeito, tornou-se um legado aristotélico às teorias da recepção.

Se a resposta do espectador na plateia ao expor seu prazer ou horror é imediata, o leitor de literatura, por sua vez, tornou-se uma figura indeterminada, deixada de lado, por exemplo, pelas estéticas marxista e formalista:

Com isso, ambas privam a literatura de uma dimensão que é componente imprescindível tanto de seu caráter estético quanto de sua função social: a dimensão de sua recepção e de seu efeito. Leitores, ouvintes, espectadores – o fator público, em suma, desempenha naquelas duas teorias, um papel extremamente limitado (JAUSS, 19994, p. 22).

Constata-se a partir das palavras do crítico, que a historiografia literária ocidental e pode-se incluir neste cenário a brasileira, relegou ao leitor um lugar passivo, de pouca interação com a obra. Segundo Luiz Costa Lima (2002) a valorização cada vez maior do livro como um bem negociável, a partir do século XVII, explicava o descaso com o leitor em nome da importância estética da obra. Entretanto esse cenário transmuda-se a partir dos estudos sobre Estética da Recepção empreendidos por Hans Robert Jauss, em fins da década de 1960.

O estudioso mirando na renovação da teoria da literatura escreve, em 1967, o célebre ensaio “A História da Literatura como provocação”, texto fundador da base teórica da Estética da Recepção que lança outro olhar em relação ao diálogo obra-leitor:

Considerando que, tanto em caráter artístico quanto em sua historicidade, a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor - relação esta que pode ser entendida tanto como aquela da comunicação (informação) com o receptor quanto como uma relação de pergunta e resposta - há de ser possível, no âmbito de uma história da literatura, embasar nessa mesma relação o nexo entre as obras literárias. (JAUSS, 1994, p. 7).

Configura-se a partir daí um ponto de vista crítico-analítico que traz à cena a figura do leitor, considerando a recepção da obra, seus efeitos pelo leitor e “o horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra” (JAUSS, 1994, p. 26). Tais pressupostos oxigenam o panorama dos estudos literários que passam a considerar a figura do leitor e tenta entender qual papel ele ocupa neste circuito produtivo entre o escritor e a obra. É necessário levar em consideração que esta relação dialógica termina por constituir novas demandas, como a difusão da obra e sua circulação, pois somente a partir desses segmentos que a obra e o leitor se encontram.

É fato que a recepção possui uma ligação intrínseca com a circulação da obra e ambas estabelecem relações com a sociedade e suas consequentes mudanças. Regina Zilberman (2008) entende que as alterações ocorridas no suporte e nas tecnologias de impressão, ao longo dos séculos, modificaram no mesmo ritmo as formas literárias e as formas de consumo do leitor. As diversas transformações tecnológicas no que tange às formas de reprodução de bens simbólicos, como os livros, que circulam há quase cinco séculos, produziu uma engrenagem movida pelo mercado editorial, girando em torno de editores, livreiros. Tal circulação marcada por altos e baixos no fluxo das produções convive com o aspecto mercadológico e suas demandas de um lado e, as exigências da crítica acadêmica e de arte, do outro, sendo que esta crítica se insurge contra os processos de massificação dos bens simbólicos e a provável facilitação no conteúdo que as *media* proporciona aos leitores. Percebe-se que a cada transformação na materialidade, os suportes são colocados em xeque pelo que o sucede, assim

o foi com as tábuas de argila aos códices, destes aos livros, que agora passam a ser tensionados pelo hipertexto do suporte digital. Umberto Eco (1996) em “Da internet a Gutenberg” relembra uma cena do Corcunda de Notre Dame e o padre Claude Frollo, este aponta para um livro, para as torres e as imagens da Catedral e vaticina “ceci tuera cela”, isso matará aquilo, ou seja, o livro matará a catedral, o alfabeto matará as imagens. O estudioso italiano utiliza a passagem do romance de Victor Hugo para exemplificar que em vários momentos da história ocidental, a ideia de que isto matará aquilo é cíclica, por exemplo, quando Marshall McLuhan, em 1960, anunciou no clássico *A galáxia de Gutenberg* que a imprensa seria substituída por uma forma global de percepção e compreensão através de imagens de TV ou outros tipos de dispositivos eletrônicos. No entanto, este prognóstico não se concretizou conforme o estudioso italiano:

A mídia precisava de um certo tempo para aceitar a ideia de que nossa civilização estava prestes a ser orientada por imagem - que poderia envolver um declínio da alfabetização. Hoje em dia isso é algo sem significado para qualquer revista semanal. O que é curioso é que a mídia começou a celebrar o declínio da alfabetização e o poder esmagador da imagem justamente no momento em que na cena mundial, surgia o computador (ECO, 1996, p.5).

O advento do computador, o surgimento da rede e sua expansão em larga escala, proporcionou novas possibilidades de ler, de escrever e de publicar, que ganharam dimensões inimagináveis, confrontando assim a hegemonia do suporte impresso, como os livros e os jornais, que migraram para o espaço virtual, estabelecendo uma recepção quase instantânea em virtude da constituição de novas práticas de leitura, de um novo perfil de público leitor e do novo formato de circulação. Se a indústria cultural de massa acelerou o processo de exposição das pessoas, com o predomínio da imagem sobre a voz e a escrita, a era mídia, por sua vez, imprimiu uma velocidade exponencial na divulgação em tempo real e, em escala mundial de imagens e textos, seduzindo o público a mergulhar na vertigem da autoexposição da própria imagem. Dentre este grupo de internautas e usuários da rede, os escritores tornaram-se alvo do universo midiático ao terem sua imagem exposta pelos grandes conglomerados

editoriais nas redes sociais como estratégia de marketing. Bem antes de apresentar o produto de sua criação, estampase a imagem do artista à exaustão. Circunstância, guardadas as proporções, que esfumaça as clássicas discussões sobre o autor, como as desenvolvidas por Foucault em “Quem é o autor?” e no fatalismo de Barthes em “A morte do autor”: “Para devolver à escrita o seu dever, é preciso inverter seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do autor” (BARTHES, 1988b, p.64). No entanto, este prenúncio enfraqueceu nas últimas décadas, pois o autor ressuscitou com força no imaginário dos leitores, a ponto de tornar a obra literária opaca.

O deslocamento do universo da cultura para o mundo do entretenimento provoca ainda mudanças nos paradigmas de um público que deixa de ser leitor para ser preferencialmente consumidor, vítima do rolo compressor do capitalismo e da indústria cultural. A literatura representante das Belas Letras, remanescente de uma cultura livresca, ganha uma nova dinâmica de circulação ao transitar das prateleiras das livrarias e das bibliotecas para as feiras de livros e ao fenômeno recente das festas literárias que congregam em um único espaço, turismo, gastronomia, palestras de escritores, performances, shows e, claro, obras literárias. Nesse contexto, a literatura é o chamariz para uma série de eventos, que necessariamente não tem a obra literária como centro.

### **O escritor no picadeiro e a literatura na era do espetáculo**

O jornal O Globo publicou em, 09 de Agosto de 2014, uma foto de Márcia Foletto que clica a “Tenda dos autores” na FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty), mas a legenda destaca-se em relação à fotografia: “O escritor no picadeiro, movimento do segundo dia da 12ª Festa Literária Internacional de Paraty, em frente à Tenda dos autores”. A princípio uma anotação desprezível, bem ao gosto do público de jornais. Entretanto para um leitor mais atento e predisposto a entender os labirintos que o escritor se movimenta na contemporaneidade midiática, torna o comentário “O escritor no picadeiro” mote para uma série de reflexões sobre os acenos da sociedade do espetáculo em direção ao escritor, que reverbera na cadeia constitutiva que

o cerca, como a recepção de sua obra, o público leitor e a circulação de sua produção artística. Sob essa perspectiva, o trabalho pretende analisar de que maneira as engrenagens da mídia e da indústria do entretenimento promovem uma ruptura nas formas de recepção do leitor, nos processos de circulação ao entronizar o escritor numa espécie de picadeiro e configurando a literatura como parte do espetáculo.

O ofício de escritor antes cercado pela aura da criação artística, do isolamento necessário à produção, da distância física em relação ao público leitor, deslocou-se para a centralidade de uma autoexposição midiática, a partir da diversificação dos meios de comunicação de massas, do incremento da indústria cultural e do entretenimento, configurando a civilização do espetáculo, no sentido proposto por Vargas Llosa (2014, p.29):

O que quer dizer civilização do espetáculo? É a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigentes é ocupado pelo entretenimento. [...] Por isso, não é de estranhar que a literatura mais representativa de nossa época seja a literatura light, leve, ligeira, fácil, uma literatura que sem o menor rubor se propõe, acima de tudo e sobretudo (e quase exclusivamente), divertir.

Nesse sentido, constata-se um processo vertiginoso de transferência, pois o centro de interesse do público e do mercado não se circunscreve única e tão somente à obra literária, mas antes à figura do autor, cuja exacerbada estetização pode ser vislumbrada nas festas e feiras literárias, eventos vistos contemporaneamente como circos midiáticos, nos quais a literatura torna-se parte do espetáculo, como observa Paula Sibília (2008, p. 157): “Entretanto, não é necessário recorrer à crueza das cifras: com boa parte da parafernália midiática voltada para estetização da personalidade artística, a figura do autor parece estar mais viva e exaltada que nunca”. E segundo Peter Sloterdijk a enorme engrenagem que hoje comanda a indústria cultural é, acima de tudo, uma “máquina de mostrar, que já faz longo tempo é mais poderosa que qualquer obra individual a ser exposta” (SLOTERDIJK, apud SIBÍLIA, 2008, p. 158).

A questão que se impõe diante da exposição exacerbada de escritores em feiras e principalmente festas,

2 Bem antes de Vargas Llosa que apresenta um olhar mais culturalista para a questão, Guy Debord, em 1967, publica a *Sociedade do espetáculo*, abordando a problemática a partir de um olhar crítico sobre o capitalismo. O escritor desenvolve 211 teses criticando a maneira como as mercadorias passaram a ser donas dos seres humanos, pois o espetáculo, segundo Debord em sua tese 213 “é a ditadura efetiva da ilusão na sociedade moderna”.

não reside precisamente no evento em si. Estes eventos podem e deveriam ser projetos de formação de leitores, incentivo à leitura e acesso ao livro, potencializando o diálogo obra-leitor, ou seja, a recepção e consequente circulação, a fim de que o horizonte da Estética da Recepção ocorra de forma dinâmica e relevante para a sociedade. No entanto, observadores mais atentos percebem que a festa ou a feira, mais especificamente a festa, até pelo sentido lato de reunião com vistas ao divertimento, mergulhou o evento na indústria do entretenimento, onde se conjuga um local turístico, com atrações musicais e artísticas interessantes, compras, entre outros atrativos para o público, não necessariamente público leitor. E no centro do picadeiro, escritores convidados desenvolvem suas performances e se mesclam aos autores *best-sellers*, aos iniciantes ao estrelato literário e obviamente aos autores reconhecidos pela crítica a fim de conferir prestígio às atividades.

Contudo, o glamour que ronda esse fenômeno recente na cena literária e cultural brasileira e seus atores principais, não traz necessariamente a valorização da escrita, que em uma sociedade capitalista se traduz pelo valor monetário dispensado a uma atração artística ou a um produto, como o livro, pois em última instância, o escritor e seu objeto de criação são vistos como mercadoria. E nessa engrenagem, o leitor deixa de ser um elo fundamental nas releituras, na renovação de textos literários e passa a ser um consumidor de performances e diversão, esvaziando o diálogo obra-leitor e estabelecendo o dueto autor-leitor, permeado pela aura da criação artística, mas sem o objeto.

André Sant'Anna, autor de *O paraíso é bem bacana* (2006), ironizou o falso glamour das festas literárias ao relatar as dificuldades ainda existentes para um escritor sobreviver somente com a publicação de livros. O que não é possível no Brasil, levando-o a ministrar palestras, redigir traduções, roteiros televisivos e cinematográficos, organizar coletâneas, trabalhos que nem sempre são pagos religiosamente, jogando o sujeito em situação-limite como ele confia acerca de um período em que ficou sem dinheiro para o aluguel e o seguro saúde, mas tendo que sustentar o status de celebridade literária para se apresentar em feiras literárias internacionais em Budapeste, Frankfurt e Berlim:

Mas eu fiquei preocupado com o dinheiro, que é a coisa mais importante que existe, economizando a ajuda de custo para pagar o aluguel, para não entrar no cheque especial, nem ter que pedir dinheiro para meu pai, ou para minha mãe, o que é um negócio meio humilhante para uma celebridade literária internacional de 50 anos de idade (SANT'ANNA, 2014).

Esse paradoxo entre o glamour que se mantém falsamente ancorado na imagem do escritor, mas que não se transforma em capital simbólico, nem no processo dialógico entre o livro e o leitor, tem seu lado oposto na indústria da música, do *show business*, com uma super valorização do produto e o reconhecimento do artista com altas cifras. Tal circunstância terminou criando um impasse constrangedor na 27ª Feira do Livro de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, quando o escritor Fabrício Carpinejar, autor dentre outros de *Canalha!* (2008), cancelou sua participação no evento ao tomar conhecimento de que o patrono da feira daquele ano de 2012, o *rapper* Gabriel Pensador, receberia um cachê de 170 mil reais para participar do evento. Carpinejar expressou sua indignação e disparou “Literatura não deve ser feita para atrair público, e sim, para formar público”. O escritor gaúcho ressaltou ainda, na ocasião, que com o valor do cachê cobrado pelo rapper, seria possível abrir bibliotecas ou mesmo realizar feiras literárias (Cf. SANTOS, 2012). Essa situação é sintoma das inversões inerentes ao espírito de época atual, quando em uma feira de livros, o homenageado e mais bem pago participante é um rapper, revelando que para estes eventos o importante é entreter e divertir o fã, que é reconhecido nestes espaços como leitor.

Se a literatura não é para atrair público para entretenimento, mas antes para formar leitores, como entender nesse cenário o horizonte da Estética da Recepção pois sua essencialidade reside na relação dialógica entre a obra e o leitor com o intuito de atualizar, reconfigurar obras do passado, porém nesse cenário da era do espetáculo, o diálogo é subvertido, pois o leitor deseja, na verdade, estabelecer o diálogo com o escritor, especificamente com sua figura, e o imaginário que evoca o escritor contemporâneo. E nisso, o universo midiático atomiza essas relações, pois o escritor tem sua página na internet, é

usuário das redes sociais emitindo opiniões, concedendo entrevistas e palestras em vídeo, interagindo com os leitores, numa roda viva digital que termina por relegar o texto literário ao pano de fundo.

O efeito do glamour da literatura como espetáculo é ironizado no livro de Paulo Scott, *O ano em que vivi de literatura*, lançado em 2015, pela Editora Foz. Nele, o autor satiriza o protagonista, o escritor Graciliano que ganha o prêmio de melhor escritor brasileiro em 2011, tornando-se uma celebridade literária. O dinheiro do prêmio possibilita ao autor passar o ano seguinte entre festas e baladas, vivendo de literatura no ano em que não consegue escrever uma linha. Paulo Scott questiona em entrevista a Marisa Loures (2015), “Você tem glamour de festival, de prêmios, é capa de caderno de jornal, de revista, vai ao Jô Soares e tudo o mais, mas está num país em que as pessoas não leem. Que diabo de obra você está construindo?”

Diante desse panorama marcado pela contradição, emerge o questionamento, qual horizonte de expectativa vislumbra e cultiva o público leitor contemporâneo, que se formou na junção das mídias digitais e do mundo do entretenimento? É possível, diante desse panorama, efetivar o diálogo entre obra e leitor? Em uma rápida busca na internet é possível rastrear páginas de escritores considerados canônicos como Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, mas observa-se uma recepção de contornos superficiais, breves notas nas caixas usadas para o internauta emitir opinião, ou mesmo nas fan pages de literatura no Facebook, em que a recepção se reduz ao ícone, “curtir”, pois o número de curtidas anuncia o interesse do leitor, contudo não se sabe se pela obra, pela imagem ou mesmo por uma frase interessante proferida pelo escritor.

As janelas infindáveis de blogs, sites com prosa, poesia, experimentações poético-digitais circulam ininterruptamente, multiplicando-se aos borbotões fazendo com que os leitores/internautas naveguem ao sabor das infindáveis novidades. Escritores surgem e desaparecem da cena literária na velocidade de um meteoro, outros conseguem permanecer na constelação do reconhecimento editorial, tendo que se submeter aos novos paradigmas de recepção e de circulação da obra literária, sustentada hoje, em alguns casos, pelo carisma pessoal do escritor.

### Reprodução, a distância estética e o estranhamento do leitor

Bernardo Carvalho, escritor brasileiro contemporâneo, manifesta em entrevista a Raquel Cozer (2013) um descontentamento em relação a atual cena literária e ao seu público leitor:

Hoje vejo uma estruturação da recepção da literatura, baseada numa hegemonia do gosto e das vendas. Isso reduz no mercado a brecha de experimentação, a chance de erro, uma herança anglo-saxã; na qual experimental é malfeito. A infantilização do público tem a ver com internet e também com uma literatura que entrega o que você quer. Sempre quis algo disfuncional, isso continua comigo.

O escritor desabafa sua insatisfação com os rumos que a literatura tomou diante da exigência do leitor contemporâneo, ou melhor, de seu gosto por textos palatáveis, que distraiam, relegando os livros, cujo conteúdo seja mais denso esteticamente, ao universo do estranhamento, pois segundo Jauss (1994, p. 33) “Uma obra literária pode, pois mediante uma forma estética inabitual, romper as expectativas do leitor [...]”.

Se as expectativas dos leitores da era do espetáculo os levam à preferência pela literatura *light*, e recentemente, tornou *best seller* livros de colorir, como este público acolhe então um livro como **Reprodução** de Bernardo Carvalho (2013), que satiriza com acidez e mordacidade o típico leitor dessa era, navegador de blogs, portais, Wikipédia e redes sociais?

O horizonte de expectativa do leitor médio contemporâneo é rompido logo nas primeiras páginas do romance, quando o leitor se depara com um monólogo de fluxo ininterrupto, em que a personagem central, o estudante de chinês, tritura uma enxurrada de informações contraditórias entre si, mas ao mesmo tempo reforça sua crença inabalável no universo digital “Qual é o problema? Não vai me dizer que o senhor é dos que acham que a internet é uma entidade do mal controlada pelas grandes corporações da mída pra acabar com a vida privada! (CARVALHO, 2013, p. 19).

A crítica especializada recepcionou muito bem o livro, que ganhou o prêmio Jabuti de 2014, na categoria de melhor romance. No entanto, estes leitores não correspondem ao público leitor em geral, pois de certa forma o texto contraria as expectativas desses leitores, seja pela linguagem vigorosa do texto, que explora o monólogo até as últimas consequências, sufocando o leitor, seja o nível de discussão que exige uma bagagem social, política e ideológica, muito mais abrangente para compreender as discussões empreendidas pelo autor, limitando assim o entendimento da maioria dos leitores.

No entanto, o que pode cavar uma distância muito maior entre a obra e o leitor neste livro é o sarcasmo disparado por Bernardo Carvalho em relação ao protagonista, representação do leitor médio em seu equívoco de pensar que a leitura de jornais, da internet, a participação em redes sociais o transforma em um sujeito culto, moderno, em consequência de sua constante interação:

Lê jornal também? Ah. Não lê o Corão. Lê só jornal. Tudo bem. Os colunistas? Imbecis? Acha? Acha fácil? Ah é? Basta o quê? Reproduzir os preconceitos do leitor? É o que o senhor acha. Irresponsáveis? Por que não escreve, reclamando? Pode claro! Manda demitir. Cria um blog! Quem manda em jornal e em revista semanal é o leitor. Não sabia? O próprio jornal. E as revistas. Colunista só fica se o leitor quiser. [...] Ah, é! Vou escrever. Eu sempre escrevo pra seção de cartas do leitor. Eu também tenho um blog. Estou no Facebook, Tenho muita opinião. E seguidores. (CARVALHO, 2013, p.33)

E assim, o protagonista de **Reprodução**, mimetiza os efeitos de um mundo de informações que inundam o espaço virtual, que por isso passou a atribuir um papel fundamental ao leitor, pois é ele, a partir da interação que sustenta os blogs, as redes sociais e os conglomerados dos sites de busca, como o Google.

Nota-se que a valorização da figura do leitor articulada pela Estética da Recepção sofre uma espécie de inversão, no que diz respeito à dinâmica da atualização dos textos literários, ao enfrentar paradigmas opostos no atual cenário da literatura. No lugar do diálogo entre obra-leitor, é concedido ao leitor o poder de legitimar o sucesso da obra, em virtude de sua recepção, por meio de acessos e curtidas, provocando a circulação ao compartilhar o interesse pelo

livro, contabilizando assim o êxito da obra.

De que maneira esse leitor avalia o caráter artístico de uma obra em meio à velocidade imposta pelo universo online e suas demandas? Jauss pontua que a distância entre “o horizonte de expectativa do leitor e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a ‘mudança de horizonte’ exigida pela acolhida à nova obra, determina o ponto de vista de recepção, o caráter artístico de uma obra literária” (JAUSS, 1994, p. 31). Porém o problema que se impõe nessa acepção, ao compararmos com a escrita de **Reprodução**, é que a obra dista em muito da expectativa dos leitores formados pela cibercultura, que reduzirão a sua bagagem de prévia de leitura, as buscas das imagens do escritor, de seu perfil nas redes sociais, pesquisas sobre sua agenda em palestras ou em festas literárias para ocupar o picadeiro e realizar sua performance. Sob essa perspectiva, João Paulo Cuenca comenta sua leitura acerca do escritor e da literatura na era do espetáculo:

Nas feiras, o público tem consumido mais o discurso do fazer literário do que a literatura em si. Os debates costumam se concentrar em aspectos vazios. Há um fetichismo sobre o fazer literário, mas eu temo que as pessoas não estejam lendo o livro. No geral, os escritores brasileiros ocupam o espaço no picadeiro com uma ingenuidade desconcertante. Um pouco como um urso panda no zoo: você pega o cara, o coloca num palco, como uma espécie de prova de que a literatura ainda existe. (CUENCA apud TORRES, 2014)

Bernardo Carvalho tenta não mergulhar na sedução do circo midiático, buscando se diferenciar da massa de escritores que surgem todos os dias nas páginas da internet e na cena editorial. O escritor procura apresentar uma visão crítica de seu contexto, das produções culturais e da literatura. As escolhas de Carvalho remetem a alguns escritores de gerações passadas, que assumiam a função de esclarecer o povo, educando-os esteticamente, ou mesmo engajando-se em grandes temas da sociedade como o fizeram Machado de Assis, Graciliano Ramos entre outros.

**Reprodução** de Bernardo Carvalho provoca certo estranhamento no leitor destituído de um acervo histórico e cultural propício ao entendimento das questões levantadas pelo escritor em seu romance. No entanto, essa “distância estética” não intimida o escritor de enfrentar os

efeitos da da web na cena literária, em virtude da facilitação dos textos e da banalização da escrita, sendo esta ofuscada pelo deslocamento do autor para o vértice principal da tríade escritor-obra-leitor. Contudo é necessário considerar que Jauss acredita que algumas obras em seus primeiros momentos podem não ser entendidas pelo público, mas que outros leitores em outras épocas poderão atualizar esse entendimento e superar assim a “distância estética” do passado e conferir novo sentido à obra literária.

### **Considerações finais**

Quando Jauss elaborou suas reflexões sobre a Estética da Recepção, a cultura de massas começava sua escalada com as imagens do cinema e da televisão, mídias consideradas hoje tradicionais, mas que mudaram os hábitos de grande parte da população mundial e afetou diretamente os modos de ler literatura. Ainda que Jauss vislumbrasse em sua teoria que “a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas” (JAUSS, 1994, p. 23) a revolução cibernética transformou os meios de comunicação em uma escala inimaginável e afetou a percepção humana da realidade e todos os setores da vida em sociedade. E nesse contexto, a literatura e sua cadeia constitutiva, autor, público leitor, recepção e circulação não ficou imune aos novos tempos, mas antes buscou se adaptar, tendo que deixar de lado seus marcos fundamentais, como a ideia de transcender ao tempo, ser parte do acervo cultural da humanidade, pois com a era digital conjugada ao capitalismo e a sociedade do espetáculo, “os produtos são fabricados para serem consumidos no momento de desaparecer, tal como biscoitos ou pipoca” como alerta Vargas Llosa (2014, p.27). E nesse contexto, a literatura torna-se entretenimento, deixa de ocupar o lado oposto do diálogo com o leitor, tornando-se pano de fundo à imagem do escritor, como estratégia de marketing de editores, que buscam explorar sua performance a fim de aguçar a curiosidade do público para a ideia de um sujeito criativo num mundo onde cada dia é mais difícil criar algo novo, por isso, seu feito criativo torna-se espetacular e a imagem do picadeiro sua melhor interpretação, como relata Sibília acerca do desabafo da escritora Rosa Monteiro que reclama do excesso de exposição dos escritores que são obrigados hoje a aparecer, a falar:

A ficcionista espanhola continuou seu desabafo 'Transformamo-nos em atores, somos leões do circo'. Pois nesta nova geração de eventos literários globais que obedecem de maneira explícita à lógica da exibição, os principais produtos em exposição e à venda não são as obras mas os próprios festivais e, inclusive, os fulgurantes autores. (SIBÍLIA, 2008, p. 159).

Diante desse panorama, como pensar sobre a historicidade da obra diante de leitores de feiras e festas literárias? Será que estes vão garantir a atualização da obra literária, cada dia mais esmaecida nesse universo de imagens e da virtualidade? Talvez a resposta esteja no próprio leitor que transmuda junto com a sociedade, pois segundo Roger Chartier (2011) as evoluções globais que atingem a produção impressa (contemporaneamente pode-se incluir a produção virtual) transformam as intenções do público e as intenções de leitura. É notório que os protocolos de leitura propostos pelo impresso e pelo virtual denotam que o suporte ou a materialidade influenciam nos comportamentos e nas demandas do leitor.

Dessa maneira, cabe também ao leitor, alterar essa cena, trazendo de volta o sentido e a relevância do diálogo obra-leitor, pois ainda que surjam obras que provoquem o estranhamento, a distância estética de hoje, em função de contrariar o horizonte de expectativa dos leitores, pode contar com a dinâmica da sociedade, trazendo aos leitores no futuro uma nova percepção.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.
- BARTHES, Roland. "A morte do autor". In: *O rumor da língua*. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988b.
- CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Tradução Cristiane Nascimento. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COZER, Raquel. “*Você acha que usa a internet, mas está sendo usado por ela*, diz Bernardo Carvalho” (2013). Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/09/1344976-voce-acha-que-usa-a-internet-mas-esta-sendo-usado-por-ela-diz-bernardo-de-carvalho.shtml> Acesso em 27 de julho.

CUENCA, João Paulo apud TORRES, Bolívar. “*Autores discutem prós e contras da exposição em eventos*”. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/autores-discutem-pros-contras-da-exposicao-em-eventos-13540795> Acesso em 12 de junho 2015.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 7.ed. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ECO, Umberto. “*Da internet a Gutenberg*” (1996). Disponível em <http://www.inf.ufsc.br/~jboscoInternetPort.html> Acesso em 16 de agosto de 2015.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Luiz Costa.(Org.). *A literatura e o leitor*. 2.ed.

Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LLOSA, Mário Vargas. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Tradução Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

LOURES, Marisa. *Entrevista: Paulo Scott, escritor*. Disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/entrevista-pauloscott-escritor/> Acesso em 12 de agosto 2015.

SANT’ANNA, André. “*As coisas não são bem assim*”. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/livrosandresantanna-as-coisas-nao-sao-bem-assim-13541352> (2014). Acesso em 25 de julho de 2015.

SANTOS, Jorge Fernando dos. “*O dilema da literatura na era do espetáculo*”. Disponível em [http://observatoriodaimprensa.com.br/armazemliterario\\_ed692\\_o\\_dilema\\_da\\_literatura\\_na\\_era\\_do\\_espetaculo/](http://observatoriodaimprensa.com.br/armazemliterario_ed692_o_dilema_da_literatura_na_era_do_espetaculo/) (2012). Acesso em 25 de julho de 2015.

SIBÍLIA, Paula *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. *Observaciones filosóficas*. Valparaíso, 2007. Apud SIBÍLIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ZILBERMAN, Regina. “*Recepção e leitura no horizonte da literatura*”. *Alea*, Volume 1, Número 1, Janeiro-Julho 2008, p.85-97.